



VOZ DA FÁTIMA

FÁTIMA não é um lugar de comodidades. É a resposta magnífica de um povo inteiro à pergunta da Santíssima Virgem: Estais dispostos a sofrer?

MONS. THEAS
Bispo de Lourdes

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Proprietária: «Gráfica de Leiria»
Administrador: Cônego Carlos de Azevedo — Santuário da Fátima
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Telefone 2336 — LEIRIA

ANO XXXIV N.º 399
13 de DEZEMBRO de 1955

Avença

A Cidade dos Rapazes de Nossa Senhora da Fátima de Yokohama — Japão

Logo no fim da guerra, as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria tomaram conta dos órfãos filhos de soldados do exército de ocupação e de mães japonesas. Em 1952, os mais velhinhos atingiam os 7 anos e era preciso resolver alguma coisa, porque as regras daquelas Religiosas não lhes permitem que se ocupem de rapazes com mais de 8 anos e, além disso, as instalações onde os albergavam eram demasiado pequenas. A Superiora procurou S. Ex.^a Rev.^{ma} Mons. Lucas Arai, Bispo de Yokohama havia ainda poucas semanas, pedindo-lhe que tomasse conta das crianças.

O novo Bispo, sem pessoal e sem dinheiro, começou por fazer uma novena a Nossa Senhora, para que Ela lhe indicasse o caminho a seguir; depois, sem apoio nenhum humano, tomou tudo sobre os seus ombros e confiou a nova obra a Nossa Senhora da Fátima.

Já se tinha tentado, sem nenhum resultado, enviar essas crianças para a América; já se tinha pedido a Religiosos que tomassem conta delas, igualmente sem resultado... e a Diocese não possuía nem um centavo!

Em menos de dois anos, porém, um orfanato abrigava os primeiros 45 rapazes, juntaram-se mais de 75 mil dólares, dos quais 50 mil dados pela *Propaganda Fide* e quase todos os restantes por soldados americanos residentes no Japão.

Os Irmãos da Instrução Cristã de Ploermel aceitaram o encargo da educação desses rapazes e as Irmãs Franciscanas da Anunciação (Congregação exclusivamente japonesa) ocupam-se do aspecto material.

Muitas dificuldades surgiram, os habitantes da cidade onde o Orfanato devia

FÁTIMA EM 13 DE NOVEMBRO

O dia 13 de Novembro inicia, em cada ano, nos fastos da Fátima, o período a que se pode justamente chamar a época de inverno e que é o ciclo menos movimentado, mais austero e mais tranquilo das peregrinações mensais.

É neste período, em que o vento, o frio, a chuva e a geada afastam as grandes multidões do planalto da Serra de Aire consagrado pelas aparições da Mãe de Deus que, apesar do rigor da estação, muitas pessoas, atraídas pela ausência de maior bulício, desejosas de um recolhimento mais profundo, tão propício à oração e às práticas de piedade, sobem a santa montanha da Fátima para participar das simples mas confortantes cerimónias que ali se realizam com singular fé e devoção, mesmo nos meses do inverno, em cada dia 13.

Nestas peregrinações hibernais nota-se o predomínio dos homens e mulheres das nossas aldeias, acostumados às lides agrícolas, que interrompem para virem revigorar a sua crença e pedir graças a Nossa Senhora neste *lindo cantinho do Céu*, a Cova da Iria.

Neste ano, o dia 13 de Novembro — precedido de nevoeiros e chuvas intermitentes — amanheceu de cariz primaveril. O

estabelecer-se levantaram grande oposição; mas a Santíssima Virgem sempre compôs as coisas e remediou tudo.

S. Ex.^a Rev.^{ma} Mons. Lucas Arai esteve na Cova da Iria acompanhado do seu Secretário Rev. P. Campenhoudt, que foi quem nos deixou estas notas e que muito lhe agradecemos.

bom tempo e o facto de ser domingo concorreram para o brilho da peregrinação. Hoje Fátima também não é aquele planalto árido de alguns anos atrás. O panorama que a localidade oferece, com suas novas construções em redor do Santuário, que tem agora proporções dificilmente ultrapassáveis por qualquer grande praça dos mais célebres centros populacionais do mundo, tem vitalidade e cor. Três Seminários fartamente povoados (Diocesano de preparatórios, Missionário da Consolata e Missionário do Verbo Divino), um Colégio-Pensionato das Religiosas do Coração de Maria, uma Escola masculina das Religiosas Dominicanas, outra feminina das Religiosas de Santa Doroteia, residências de outras Congregações religiosas, asilos e orfanatos mantidos pelas mesmas e, de inauguração recente, um dispensário das Irmãs de S. Vicente de Paulo, tudo soma uma tal actividade, que nos deixa presagiar que em Portugal, na Fátima, se está formando a internacional cidade da Virgem.

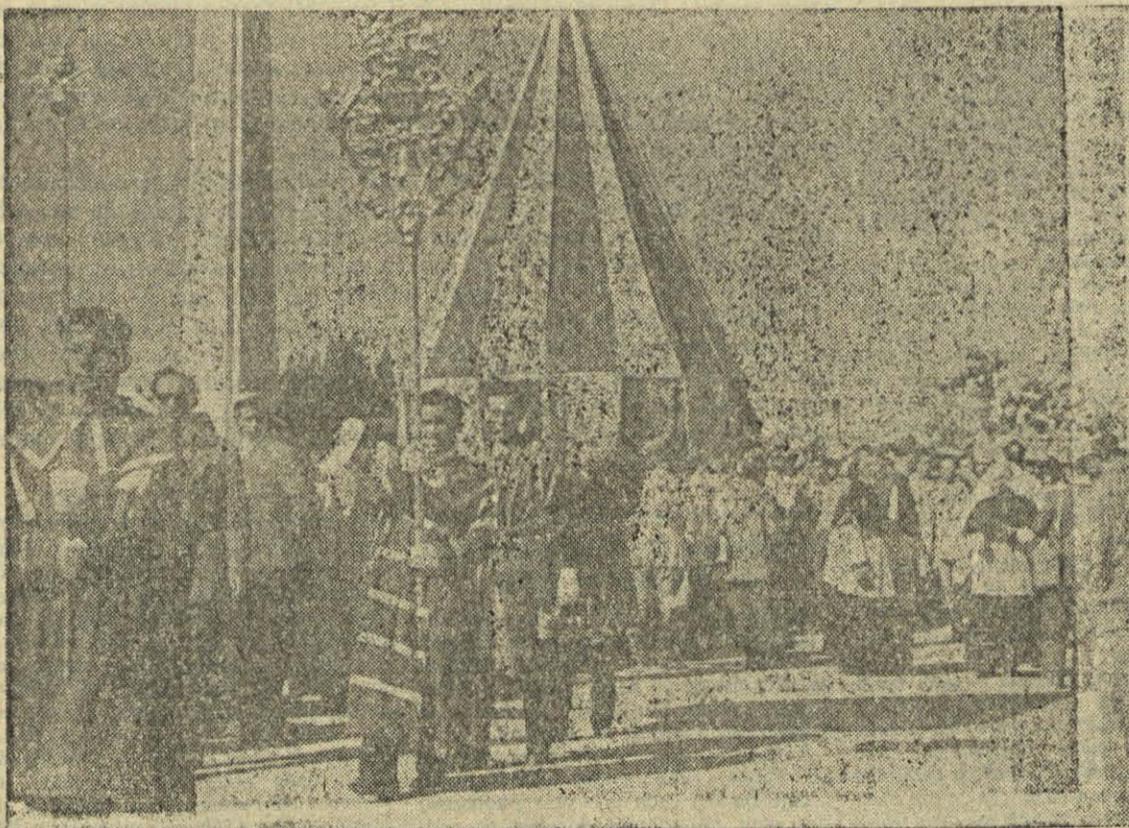
Com todos aqueles centros de estudo em pleno funcionamento, suspenso para respeitar o Domingo, dia do Senhor, o Santuário da Fátima, inundado por sol claro e temperatura amena, ofereceu a cada romeiro de 13 de Novembro o espectáculo bellissimo de ver ali reunidos sob perfeita disciplina centenas de jovens, estudantes de todos os Seminários da Fátima, do Seminário Maior de Leiria e do Seminário Dominicano de Aldeia Nova (Olival), vindo estes ao Convento Dominicano da Fátima celebrar as bodas de prata da Ordenação sacerdotal do ex-superior do Seminário Rev. P.^o Tomás Videira, O. P.

Já na véspera tinham chegado numerosos peregrinos, não havendo, todavia, os actos religiosos vespertinos comuns às peregrinações maiores. Nestes meses de Novembro a Abril não se faz a exposição solene do Santíssimo Sacramento na Basilica, mas não se interrompe esse preito de adoração a Jesus Sacramentado, ficando o Sagrado Lausperene na capela das Religiosas Reparadoras da Fátima, na Casa de Nossa Senhora das Dores, onde os fiéis costumam ir fazer as suas adorações.

No Santuário, na manhã do dia 13, as Missas começaram a ser celebradas a partir das 7 horas. A esta hora celebrou no altar-mor da Basilica o Capelão da mesma, o Rev. P.^o António dos Reis, ex-Pároco de Santa Eufémia, que durante anos exerceu o múnus de Administrador da «Voz da Fátima». Toda a manhã foi de intensa actividade na Basilica, onde foram celebradas numerosas Missas e onde milhares de fiéis receberam a Sagrada Eucaristia.

Cerca das 10,30, rezado o terço na Capela das Aparições, organizou-se majestosa procissão em que se incorporaram as centenas de Seminaristas já referidos. Logo a seguir, Nossa Senhora no seu andor florido de crisântemos e rosas, e a multidão, cujo número atingira alguns milhares.

Rezou a Missa oficial na Basilica, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria, dando depois a Bênção Eucarística individual aos doentinhos, em número de algumas dezenas. Durante a Bênção dos Enfermos fizeram-se fervorosas invocações, estando ao microfone o Rev. Padre Craveiro, Director espiritual do Semi-



As insígnias da Basilica da Fátima — Bastão, Campanil e Pendão — saíram pela primeira vez na procissão do passado dia 13 de Outubro. Levaram-nas alguns reclusos da Prisão-Escola de Leiria, peregrinos exemplares e habituais da Cova da Iria

Entronização duma imagem em Paris

Por iniciativa da esposa do Adido Militar de Portugal em Paris, coronel Alberto Andrade e Silva, realizou-se na igreja de S. Pedro de Gros-Cailloux, a cerimónia da entronização duma imagem de Nossa Senhora da Fátima, oferecida pelo Senhor Bispo de Leiria aos Portugueses residentes naquela Capital. A imagem seguiu de Portugal num avião militar, o mesmo que levou o Senhor Ministro da Defesa Nacional à reunião da NATO.

Presidiu à cerimónia o Rev. Cônego Canet. O templo encontrava-se completamente cheio, vindo-se as principais individualidades da colónia portuguesa e muitos franceses. Na procissão que deu volta à igreja e acompanhou Nossa Senhora, da capela-mor para o seu altar, tomaram parte, além de S. Ex.^a o Ministro da Defesa Nacional, o Embaixador e Embaixatriz de Portugal, todo o pessoal diplomático da DELNATO, Chefe do E. M. das Forças Aéreas General Costa Macedo e Esposa, Brigadeiro Luis Pina, Esposa e Filha, Cônsul Geral de Portugal em Paris, Dr. Alberto Machado, Conselheiro da Embaixada e Esposa, Adido Militar e Esposa, Chefe do Gabinete do Ministro do Exército, Tenentes Coronéis do C. E. M. Schulz, Bastos Machado e Esposas, Tenente Coronel da Aeronáutica Rezende e Esposa, Major do C. E. M. Ribeiro Ramos e Esposa, Pessoal da O. E. C. E., etc.

Antes da procissão o Rev. Cônego Canet fez uma alocução sobre o significado do acto que se estava a realizar na sua igreja. Começou por agradecer a presença das individualidades portuguesas, e, continuando, disse: «Esta linda imagem, vinda directamente do Santuário da Fátima, constitui oferta de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria».

Depois de distribuídas medalhas como recordação da linda festa, que todos quiseram tocar na Imagem, procedeu-se à colocação desta no seu lugar e recitou-se colectivamente a oração do Anjo de Portugal.

nário de Leiria. À umbela pegava o Sr. Dr. Acácio de Paiva, ex-Governador Civil de Leiria e actual Presidente da Câmara de Vila Nova de Ourém.

No momento próprio, durante a santa Missa, o Rev. P.^o Francisco Vieira da Rosa, Professor no Seminário de Leiria e Capelão Militar, falou sobre as prerrogativas da Santíssima Virgem: — «Para proclamar toda a grandeza de Maria, bastará dizer que Ela é a Mãe de Deus!» — afirmou o orador sagrado. Deteve-se depois a analisar a Mensagem da Fátima, onde a Virgem Maria viera repetir a palavra que deu nas Bodas de Caná: — «Fazei tudo o que o meu Filho vos disser». Nesta Mensagem a Mãe de Deus parece visar particularmente a Família, onde crescem os lírios que hão-de ornamentar a Igreja de Deus. «Todos sentimos a injúria que hoje paira sobre o Santuário do Lar doméstico — disse. Porém os pais que têm o sentido da sua missão sublime, sentem e vivem esta palavra do jovem Tobias: — Meu Deus, se tomo uma esposa não é para satisfazer uma vil paixão, mas para que os meus filhos Vos honrem e bendigam por todos os séculos dos séculos». Tendo dito que «os pais são exemplos vivos da juventude que cresce para a vida», o orador fez-se eco da voz dolente da Igreja em defesa das vidas criminosamente estioladas por progenitores indignos da sua missão, libertinos para quem «o sorriso da criança nunca será um raio de luz a alumiar e aquecer», «bênção de Deus que paira sobre as famílias numerosas que nunca chorarão a tristeza de um lar deserto, cemitério sem vida!»

Enquanto se celebrava a Missa dos Doentes, cá fora, sob as arcadas, celebrava-se outra para as centenas de peregrinos que não puderam penetrar no interior da Basílica e não tinham ainda, muitos deles, cumprido o preceito dominical.

Na procissão do «adeus» os jovens Religiosos Dominicanos do Curso Filosófico do Convento da Fátima levavam a Cruz e os ciriais e faziam a escolta ao andar da Imagem de Nossa Senhora, que

em Outubro de 1917 revelou ser a Senhora do Rosário.

Terminada a procissão do «adeus» quando a multidão rodeava a Capela das Aparições, o Senhor D. João Pereira Venâncio benzeu solenemente uma Imagem de Nossa Senhora da Fátima, oferta do Santuário para a Missão de Chaka, diocese de Mera, no Quênia, a cargo do Rev. Padre Lourenço Ori, Missionário da Consolata que durante muitos anos esteve como Professor e Ecónomo no Seminário da sua Congregação na Fátima e prestou valiosos serviços no ministério sacerdotal, que fervorosamente exerceu por toda a diocese de Leiria e noutras dioceses de Portugal Continental. Benzida a Imagem, o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria pediu a todos os peregrinos que o acompanhavam numa súplica a Nossa Senhora pelos Missionários, especialmente pelos que evangelizam a região infestada pelos Mau-Mau, para onde esta Imagem se destina, e pelos infelizes que esses Missionários tanto se esforçam por conduzir à verdadeira Fé.

Como nota final desta peregrinação, menciona-se um acontecimento que deverá ter movido de júbilo o Céu inteiro: dois serventes da Casa Moura Neves — casal agrícola em terras do Alentejo — que viviam registados há cerca de 27 anos, receberam o santo Sacramento do Matrimónio neste dia no Santuário da Fátima, quando terminavam as cerimónias litúrgicas oficiais da peregrinação mensal. Os proprietários daquela importante Casa Agrícola, Senhores António Moura Neves e sua esposa D. Fernanda Mena Moura Neves, ambos Servitas devotados de Nossa Senhora da Fátima, foram os instrumentos da Providência para reconduzir a Deus esses serventes da sua Casa, assim como para baptizar os filhos e os netos do casal que recebeu agora as bênçãos da Igreja, presidindo ao acto o Pároco de Benavila, distrito e diocese de Évora. Assim a Santíssima Virgem serve de intermediária entre Deus e os homens, salvando as almas que reconduz a seu Divino Filho.

Visconde do Montelo

CRÓNICA FINANCEIRA

O Senhor Dr. Ulisses Cortez, ilustre Ministro da Economia, acaba de publicar um diploma legal relativo ao comércio do gado e das carnes que muito pode vir a beneficiar a agricultura, sobretudo a do Norte, onde a criação do gado vacum representa uma boa parte do rendimento do pequeno lavrador.

Declara-se no mencionado diploma que a produção de carne de vaca se não tem desenvolvido na proporção que era de esperar, e que aumentou a produção de carne de porco, de carneiro e de cabrito. E uma vez que assim é, a conclusão a tirar, impunha-se: o lavrador não desenvolve a produção de carne de vaca, porque não tira daí resultado compensador. E sendo assim, como é, outra conclusão se tira e é que tabelamentos e racionamentos, são muito bons para comer o que já está criado; mas são péssimos para fomentar a produção de novas riquezas. Acabar com essas peias, dentro dos limites impostos pela prudência, era o remédio que se impunha e que o Senhor Dr. Ulisses Cortez acaba de lhe dar. A intenção deste diploma do Senhor Ministro da Economia é que o lavrador receba pelo seu gado o bastante para que lhe valha a pena criá-lo para abastecer os talhos. De contrário, o lavrador reterá em seu poder o gado o mais tempo possível, a fim de retardar o prejuízo que sofre quando o manda para o açougue.

No tempo em que o negócio do gado era livre, o lavrador do Minho retinha o gado até aos 6 anos, idade em que o touro deixa de crescer (de criar osso, como lá dizem). Nessa altura era posto na engorda durante uns 6 meses, e findos eles, era vendido para o açougue.

No Sul as coisas passavam-se dum modo diferente. O principal rendimento do gado era o trabalho e por isso este só ia para o açougue quando já estava exausto, depois dos 12 ou 13 anos. Claro que o que se recebia em trabalho, perdía-se em carne, na quantidade e na qualidade. A vaca

de Braga e do Porto foi sempre excelente; a de Lisboa nunca prestou. Agora que os transportes são todos motorizados, a produção de carne de vaca devia ter aumentado muito sensivelmente.

Na Holanda, antes da guerra, o gado era todo criado, ou para leite, ou para carne. Este era levado ao açougue aos três anos de idade, porque a experiência mostrava que era assim que se obtinha o rendimento óptimo, isto é, o máximo de carne para uma dada quantidade de forragens. E isto era feito de maneira que as peças abatidas saíam todas praticamente iguais. Os importadores ingleses, nem as pesavam; contavam-nas. Foi esta perfeição técnica que pôs o nosso gado fora do mercado inglês na penúltima década do século passado.

Agora uma pitada de estatística. Temos uma diante dos olhos com o gado abatido, ano a ano, desde 1905 até 1953. A média anual do consumo de gado bovino, no quinquénio de 1905-1909, foi de 115.290 cabeças, pesando 23.532 toneladas de carne limpa. Isto para o gado adulto. Por sua vez, a média anual do quinquénio de 1949-1953 foi de 120.487 cabeças de gado adulto, pesando 24.875 toneladas de carne limpa; para os adolescentes, as médias foram de 131.717 cabeças e 6.555 toneladas de peso.

No tocante ao gado adulto, o aumento foi insignificante naqueles 44 anos. Para as vitelas o aumento foi mais importante, pois quase dobrou o número de cabeças e triplicou o peso.

No gado bovino abatido, o peso médio no 1.^o quinquénio considerado, foi de 204 quilos por cabeça; no outro quinquénio, foi de 206,4 quilos por cabeça. Nas vitelas, o peso médio por cabeça aumentou de 30,7 quilos para 49,8. Quer isto dizer que o lavrador reteve agora por mais tempo em seu poder o gado novo, no que se está a aproximar da prática holandesa atrás mencionada.

PACHECO DE AMORIM

Mensagem de Amor

4. Verdades fundamentais: a Retribuição futura (2)

A 13 de Outubro de 1917, na iminência súbita de cataclismo sem igual, ouviram-se na Cova da Iria gritos de fé e de amor, e almas arrependidas manifestaram publicamente a contrição dos seus pecados.

Naqueles momentos não havia lá incrédulos. Todos à uma «procuravam» a Deus, fazendo-se eco das palavras do Apóstolo; e na expectativa do Juízo — muito próximo, pensavam — os olhares erguiam-se para o Céu, cheios de temor ou de esperança.

Já vimos atrás como Nossa Senhora põe tudo em jogo para fazer encontrar aos homens o «sentido» de Deus. É sempre firme a acção d'Ela para os arrancar aos horizontes estreitos e os colocar nas perspectivas do Céu.

Nesta hora, em que os doutrinadores da mentira, para esconderem as realidades da outra vida, estendem sobre povos e nações uma cortina de negra sombra, surge Nossa Senhora, contrapondo as promessas divinas, que não enganam, às falaciosas promessas dos «construtores» dum novo paraíso terreal.

Como já foi oportunamente notado, nunca o comunismo chegaria a exercer a sua formidável acção, se não se tivesse apagado antes do coração do homem a lembrança dos seus destinos eternos. Eis por que Maria, tendo descido ao meio de nós, nos vem proclamar bem alto que a vida presente é apenas um tempo de prova que precede a eternidade; que «a figura deste mundo» há-de passar, ficando unicamente, depois da morte, aquelas duas cidades: a da «geena do fogo eterno», de onde não mais se sairá, e a mansão perpétua dos «benditos do Pai».

Ninguém viu nem aceitou com mais entusiasmo as intenções da Mãe de Deus do que os três pastorinhos da Fátima.

Conquistados logo desde a primeira entrevista pela beleza, pela doçura e bondade da Virgem Santíssima, parece que até deixam de pertencer a este pobre mundo em que vivemos. De boamente repetiram as palavras sublimes de Santa Benardette, em resposta aos que a interrogavam sobre a sua visão da gruta de Massabielle: «Era tão linda, tão linda, que quando a gente a vê uma vez, quereria logo morrer para a tornar a ver».

Repetem-no, contudo, se não de palavras, ao menos pelos seus actos, alegrando-se diante da morte com que os ameaçam. Um dia, por exemplo, em que foram interrogados por três cavalheiros, que queriam a todo o custo arrancar-lhes o segredo, berrando um deles: «Vejam se se resolvem a dizer esse segredo, senão o Sr. Administrador está disposto a acabar-lhes com a vida», a Jacinta, deixando transparecer a alegria no rosto, exclama: «Mas que bom! Eu gosto tanto de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e assim vamos vê-los em breve!»

Mas os pastorinhos têm outro motivo sobre que fundar a sua esperança de sem demora voltarem a ver Nosso Senhor e Nossa Senhora. Logo na segunda Aparição, a 13 de Junho, Lúcia tinha pedido à Virgem Santíssima que os levasse aos três para o Céu. «Sim, respondeu Nossa Senhora, a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para Me fazer conhecer e amar...»

Juntando o gesto às palavras, Maria fez incidir sobre eles a sua luz penetrante. Um feixe de raios luminosos que parecia subirem ao Céu, envolvia o Francisco e a Jacinta, ao passo que um outro feixe descia para a terra, inundando Lúcia e mostrando à pequenina apóstola do Coração de Maria o campo das suas futuras actividades.

Desde esse momento, os dois mais pequeninos ficam inteiramente convencidos do que os esperava e tranquilos com a certeza da sua salvação. E já não se admira a gente de poder verificar, no pouco tempo que lhes resta ainda de vida, de que as suas palavras e as suas atitudes venham a traír o desejo e espera ardente do Céu, que os consomem.

Quanto à Lúcia, se ela tem de resignar-se a «ficar cá sòzinha», por ter uma importante missão a cumprir, é isso para o seu coração uma rude prova, de que Nossa Senhora em pessoa procura consolá-la docemente: «E tu sofres muito, filha? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Coração Imaculado será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

FR. ESTANISLAU, O. F. M. CAP.

Almanaque de Nossa Senhora da Fátima — 1956

Recebemos na Redacção da «Voz da Fátima» este Almanaque, que há 13 anos espalha pelo mundo, nos muitos milhares de exemplares de cada edição, a Mensagem trazida por Nossa Senhora da Fátima aos Videntes de Aljustrel.

Tem este Almanaque de Nossa Senhora da Fátima uma feição característica, acentuada em cada ano pela publicação dos mais importantes documentos relativos à Fátima.

Interessando a todos os devotos de Nossa Senhora da Fátima, este Almanaque, nas suas 116 páginas, serve admirável-

mente os interesses do comércio e indústria, como se vê na multiplicidade de anúncios publicados em cada volume. Serve ainda o lavrador com os seus prognósticos de bom e mau tempo, o horticultor, o jardineiro, os amigos da boa mesa com suas receitas de culinária entremeadas de passatempos, de anedotas, etc.. Esta edição da Revista STELLA pertence à Casa de Nossa Senhora das Dores, onde pode ser requisitada, na Fátima. Não aumentou o seu preço, que continua a ser 1\$50 cada exemplar e 2\$00 pelo correio. Aos revendedores concedem descontos, e ainda às obras parquiais que requisitarem quantidade superior a 10 exemplares.

CONVERSANDO

CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE N.ª SENHORA DA FATIMA

É uma Congregação de senhoras religiosas, cuja influência já se sente consideravelmente na vida portuguesa; e, apesar de nova, já tem também a sua história com factos de notável relevância que só as grandes virtudes merecem, sendo muitas e variadas as necessidades sociais a que vem acudindo, heróica e abnegadamente, por toda a parte aonde chega.

Para bem a apreciar, é de lembrar que emergiu, em Portugal, por entre os destroços e escombros das perseguições religiosas a seguir a 1910.

Quando Nossa Senhora apareceu aos Pastorinhos de Aljustrel, — trazendo, por caminhos do Céu e ao coração de Portugal, a sua Mensagem para todo o Mundo, logo as Servas de Maria ergueram asas aos cimos da Serra de Aire, como andorinhas em plena primavera, inclinando à Capelinha das Aparições os seus voos repetidos e cuidadosos, à procura de onde fazer novos ninhos de espiritualidade santa...

E não mais deixaram o poiso, ali tomado, no seu persistente anseio de caridade universal.

Vem a propósito dizer que um livro, de raro mérito, foi publicado há pouco, contendo os dados históricos mais essenciais da existência e vida das Servas de Nossa Senhora da Fátima.

Intitula-se «*Ornaverunt lampades*», e apresenta no rosto, encimando ao alto, como emblema da respectiva Congregação, o desenho duma lâmpada acesa. Saiu em edição primorosa, ilustrada de belas gravuras que lhe fazem excelente luz sobre os textos, e em tudo significadora dos objectivos visados.

Deu ensejo a esta publicação a passagem do Jubileu Patriarcal e Cardenalício de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Quis assim a Madre Fundadora e antiga Superiora Geral das Servas de Nossa Senhora da Fátima, a veneranda e ilustre Senhora D. Luísa do Vadre Santa Marta (Andaluz), de acordo com a sua actual Superiora, prestar a Sua Eminência Rev.ª a homenagem de respeitosa felicitação por aquele venturoso Jubileu, e, ao mesmo tempo, agradecer-lhe, reconhecidamente, o amparo e a esclarecida orientação dispensada a bem da sua Congregação.

Aberto este pórtico condigno de piedosa comemoração e justiça, o livro desenvolve a seguir, correspondentemente, os factos históricos da nova Comunidade, delineando os seus começos num agrupa-

mento de senhoras cristãs, de várias classes sociais, que, reunidas em volta da Senhora D. Luísa Andaluz, se dedicavam a socorrer pobres necessitados, especialmente crianças, provendo assim a faltas de muitas das casas de educação e de assistência, embaraçadas pela revolução, então em marcha.

Para dirigi-las na fé religiosa que a todas animava (e é o segredo da coragem mormente em situações extremas), aquelas senhoras valiam-se, frequentemente, do conselho do saudoso Arcebispo de Évora, senhor D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que era um extraordinário encantador místico das almas no recesso das consciências, sobretudo quando falando a pequenos auditórios de nível vincado na mesma comunhão de fé.

Neste braço de caridade as senhoras, de simples agrupamento que eram, tornam-se comunidade estável, aspirando por fim, a ser uma congregação de erecção canónica.

É vê-las em todos os seus trabalhos e obras, desde a primeira hora em que, ao troar do canhão em 5 de Outubro de 1910, acordaram apressadamente as crianças e recolhidas do Instituto de Nossa Senhora dos Inocentes em Santarém; e daí, passando por encargos e criação de serviços em várias Gráficas e centros de Assistência pelo País, até aos diferentes e compatíveis serviços do Santuário que lhes foram confiados, tudo por aquelas senhoras era movido com abnegação cristã, chegando algumas a desfazer-se de avultadas heranças de família para os fins sociais da Comunidade.

Diante desta tão elevada soberania espiritual, o Senhor Cardeal Patriarca, ajudando-as, dignou-se consagrá-las, e, com autorização da Santa Sé, decretou, em 11 de Outubro de 1939, a sua erecção canónica como Congregação Diocesana, aprovando as respectivas constituições.

Entretanto, a nova Congregação, sempre de olhos fitos na Fátima, tendo adquirido aí uma casa para os seus fins beneficentes, pediu respeitosamente ao Senhor Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, que, como melhor entendesse, dispusesse dessa casa, com os serviços das congregadas, oferta esta que Sua Ex.ª Rev.ª gostosamente acolheu, — ele, o glorioso guarda das maravilhas da Fátima e o infatigável arauto da Divina Mensagem daí vinda ao Mundo!

A. LINO NETO

Milagre de Fátima na Missão de Cumbana

Há 3 anos, eram 1.500 km2 habitados por umas 46.000 almas; hoje poucas mais almas serão.

Há 3 anos, havia apenas 4 escolas; hoje são 21.

Há 3 anos, frequentavam as escolas somente 488 alunos e 63 alunas; hoje aprendem a Língua portuguesa e aprendem a conhecer a sua e nossa Pátria para a amar, servir e defender, 3.479 alunos e 1.886 alunas!...

Há 3 anos, houve apenas 20 baptizados; este ano haverá uns 1.500.

Há 3 anos, havia apenas 691 cristãos; hoje há 2.638.

Há 3 anos, não houve nenhum casamento; este ano já houve 20!

Há 3 anos, havia somente 10 famílias cristãs; hoje o seu número já quintuplicou.

Há 3 anos, houve 128 crismas; este ano o Espírito Santo desceu sobre 1.372 almas.

Há dois anos, houve 2.000 confissões e 3.000 comunhões; este ano já houve 14.000 confissões e 15.000 comunhões, e nas primeiras sextas-feiras de cada mês na escola da sede e numa das escolas centrais, tem já havido 600 comunhões em média e muito em breve atingirá a casa dos milhares.

Há dois anos, reuniram-se na sede da Missão 1.500 pessoas e comungaram 102; este ano juntaram-se 4.000 almas, das quais 1.600 receberam Jesus na Comu-

nhão e 1.372 foram confirmadas na Fé com o Divino Espírito Santo, formadas em 2 alas, ao longo da impressionante nave gótica da mata circunvizinha, cada escola com a sua bandeira...

Eis em breve e frio esquema o milagre de Nossa Senhora da Fátima na sua Missão de Cumbana (Jangamo), Moçambique.

Perante isto, que podemos fazer ou dizer senão clamar: Ave Maria!

E também pelas duas almas consagradas a Deus na vida religiosa e mais 4 que para ela se preparam, e pelos oito aspirantes ao Sacerdócio: Ave Maria!...

Mas quem há aí que se sinta ofendido? Ninguém; só Satanás e os seus satélites! E quem pode gloriar-se? Nenhum mortal; apenas Jesus e sua Mãe!...

Por isso, quando S. Eminência o Sr. Cardeal D. Teodósio levantou a saudação: «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!», todos aqueles milhares de almas rejubilaram e vibrando em unísono com os Anjos e Santos do Céu, proclamaram: «Para sempre seja louvado, com sua Mãe Maria Santíssima!...»

E a Virgem, a sorrir, olhou para o seu divino Filho Jesus, beijou-o e chorou... e as lágrimas benéficas encheram de Graça toda a sua Missão de Cumbana.

Ave Maria!...
FR. CARLOS SANTOS
Fátima (Cumbana), 22-X-55.

HOMENAGEM

duma peregrina francesa às suas irmãs portuguesas

Mulheres de Portugal, de pés descalços e cestos à cabeça, eu vos saúdo! O mundo cristão conhece já os «servitas» e «enfermeiras», cuja dedicação jamais cansa. Mas é preciso que conheça também a oração e a penitência desses grupos infindáveis de pobres mulheres, que marcham descalças durante dias inteiros, com suas modestas provisões à cabeça, para virem depor as suas tristezas e necessidades junto àquela que lhes escolheu a Pátria e os filhos, para dizer ao mundo onde está e como encontrar a verdadeira Paz.

Elas calcorream de Norte a Sul todas as estradas de Portugal, nos dias das grandes Peregrinações. Chegam com os pés inchados, mas corajosas, diante da Capelinha. Ajoelham, tiram da cabeça os seus pesados fardos, que colocam ao lado, e ficam-se em oração. Parece então que deixam aos pés daquela Mulher privilegiada, que, sendo preservada do pecado tudo pôde salvar, o peso inteiro da falta original que o género humano arrasta, e elas também, com tanta resignação, tanta coragem e tanta humildade.

Depois de terem prestado as suas homenagens à «sua» Nossa Senhora, escolhem um sítio ainda livre, não importa qual, na grande esplanada ou fora dela, para o seu descanso e refeições. Ali passarão pelo sono e comerão frugal repasto, seja qual for o tempo que fizer.

Mas voltam sempre à meta última da sua peregrinação: a Capelinha das Aparições. E então o espectáculo que nos impressiona, amplia-se. Enquanto grande número reza e canta, outras cumprem promessas feitas em hora de aflição. Arrastam-se de joelhos, ao longo da grande esplanada. Pessoas de família as rodeiam e amparam. Em torno da Capelinha, é uma procissão sem fim renovada. De todas as idades, de todas as condições; jovens mães com seus filhinhos nos braços.

Ao findar do dia, os pés e os joelhos estão em sangue! Não queirais rir, mulheres afortunadas da Europa. Também já vos viram pelas estradas, a caminhar sem destino... Viram-vos a fugir, com vossos fardos e com vossos filhinhos nos braços. Também já dormistes ao relento. Também já procurastes um abrigo. Já vos encontrastes sem comer, enquanto vossos maridos e vossos filhos e noivos eram dizimados por um inimigo que não conseguiam dominar.

Sabei que estas pobres mulheres de Portugal foram as que salvaram os seus maridos, os seus filhos e noivos. Estas pobres mulheres, de pés descalços e cestos à cabeça. Foram elas que salvaram a sua Pátria e a continuam a salvar!

Homens e mulheres de todos os Países, saudai-as e inclinai-vos com respeito diante delas!

M. L.

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

A CURA DO SEU MENINO

D. Maria da Silva Oliveira, Entre os Rios, escreve: «No dia 10 de Outubro de 1948, adoeceu o meu filho mais novo, de cinco meses de idade, com enterite, tendo estado tão mal, que me diziam iria morrer.

Do dia 11 para 12 de Outubro, vi o meu filho já com todos os sinais da morte. Cheia de dor, voltei-me para Nossa Senhora da Fátima e pedi-Lhe que me sarrasse o meu menino, que publicaria a graça e iria ao seu Santuário agradecer-Lhe, juntamente com outras graças que Ela me tem alcançado.

Nossa Senhora teve compaixão de mim e curou-me o meu filho! Amanhã, 7 de Maio de 1949, sigo a pé para Fátima em cumprimento do que prometi».

Tudo isto confirma o Rev. Pároco, P.º Augusto Carlos Fidalgo.

ESCAPOU DA MORTE

Manuel Moreira de Almeida, de 17 anos de idade, natural da Atouguia, Ourém, adoeceu gravemente e teve de ser internado no Hospital da Universidade, em Coimbra. O seu estado tornou-se de tal forma grave, depois de quatro dias de internamento naquela casa hospitalar, que deram ordem a seu pai para ir imediatamente buscá-lo para morrer em casa.

Enquanto seu pai seguiu para Coimbra, a mãe e o irmão imploraram a Nossa Senhora da Fátima as suas melhoras, com a promessa de publicar a graça.

Quando o pai chegou, já o encontrou melhor, falando e respondendo às perguntas que lhe faziam. Daí a cinco dias já não tinha febre, e, após vinte e um dias de internamento, voltou para casa, onde se restabeleceu por completo.

Tudo confirma o Rev. Pároco de Ourém, P.º Carlos Antunes Pereira Gens, em 4 de Fevereiro de 1949.

CURA DUMA FÍSTULA

Dr. João F. Lapa, Lisboa, escreve em 8 de Dezembro de 1950: «De um abcesso mal curado resultou uma fístula. Alguns anos após o seu aparecimento, fui operado, garantindo-me o cirurgião a cura completa. Um ano após essa intervenção cirúrgica, de novo apareceu o mal. Na opinião dos médicos, impunha-se a necessidade de nova operação. Durante alguns anos implorei, com fé, a graça da cura a Nossa Senhora da Fátima. Há pouco tempo desapareceram por completo os sinais da doença. Observado pelo médico, este pôde testemunhar a completa cicatrização e ausência da fístula...»

AGRADECEM A NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

D. Matilde M. Rocha, Vila Nova de Gaia; D. Maria da Ascensão Lopes, S. Martinho da Gândara; D. Maria Alice dos Santos Rodrigues, Porto; D. Angélica da Conceição Fernandes Pinto, Verride; João Machado, Rovinhade; D. Marla dos Anjos Xastre, Agrochão, Vinhais; D. Maria do Céu, Viseu; D. Clarisse Carneiro, Terezunha, Odemira; D. Maria Baptista Ferreira, Marinha Grande; António Marques de Sá, Ramada, Vila da Feira; D. Lurdes Roque Barros, Covilhã; D. Maria Marques Serrão, Avis; Eurico Corvo, Lisboa; D. Margarida de Oliveira Vermoim, Maia; D. Maria C. M. P., Lisboa; D. Maria Isabel, Porto Mendô; D. Maria Ema Cardoso Valente, Ovar; D. Corina Vieira Rocha; José Paixão Pereira, Loriga; D. Agripina Matos Cardoso, Palmela.

Os Servos de Deus

FRANCISCO



A aparição de Nossa Senhora veio de novo a concentrar-nos no sobrenatural, mas mais suavemente: em vez daquele aniquilamento na Divina Presença que prostrava mesmo fisicamente, deixou-nos uma paz e alegria expansiva, que não

impedia falar em seguida de quanto se tinha passado. No entanto, a respeito do reflexo que Nossa Senhora com as mãos nos tinha concedido e de tudo o que com ele se relacionava, sentíamos um não sei quê interior, que nos movia a calar. Contámos em seguida ao Francisco tudo quanto Nossa Senhora tinha dito. Ele, feliz, manifestando o contentamento que sentia na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito, dizia:

— Ó minha Nossa Senhora! terços rezo todos quantos Vós quiserdes!

E desde aí tomou o costume de se afastar de nós, como que passeando; e se chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava o terço. Se lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco respondia:

— Depois também rezo. Não te lembras que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muitos terços?!

Um dia disse-me:

— Gostei muito de ver o Anjo, mas gostei ainda mais de Nossa Senhora. Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus! Mas Ele está tão triste, por causa de tantos pecados! Nós nunca havemos de fazer nenhum.

Graças do Servo de Deus

Francisco do Rosário Silva, S. Nicolau, Cabo Verde, diz que foi operado, há cinco anos, dum pólipolo na garganta. Decorrido um ano, principiou a notar que lhe aparecia de novo. Recorreu então à intercessão do Servo de Deus Francisco Marto, fazendo uma novena a Nossa Senhora da Fátima; há cinco meses que se encontra muito melhor, pelo que envia 20\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

D. Joaquina Pedreiro Dias, Amieira, Alentejo, diz que estando os seus alunos em vésperas de exames, recorreu, cheia de confiança, ao Servo de Deus Francisco Marto, a cuja intercessão atribui os bons resultados dos exames. Envia 10\$00 para a sua beatificação.

D. Jovina Sarmiento Pereira da Cunha, Velas, S. Jorge, Açores, escreve: «Andando eu bastante apouquetada com um caso muito difícil de resolver e tendo lido o relato de muitas graças obtidas pelo Vidente da Fátima, Francisco Marto, recorri também a ele, prometendo enviar 100\$00 para a sua beatificação. Qual não foi o meu espanto e contentamento, ao ver, passados poucos dias, o caso resolvido da maneira mais inesperada e fácil!»

Francisco Machado Oliveira, S. Jorge, Açores, sofrendo duma violenta dor numa perna, que o impedia de andar, recorreu ao Servo de Deus Francisco Marto; ao fim da segunda novena encontrava-se curado, pelo que oferece 20\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

D. Clarinda Amélia da Silva Salgado, Arcos de Valdevez, envia 30\$00 para a beatificação do Servo de Deus Francisco Marto, a quem, muito reconhecida, agradece quatro graças sucessivamente alcançadas, antes mesmo de terem terminado as quatro novenas que lhe fez.

JACINTA



Minha irmã costumava ainda numa festa anual que devia ser talvez a do Corpus, vestir alguns anjinhos para irem ao lado do pódio na procissão a deitar flores. Como eu era sempre uma das designadas, uma vez, quando minha irmã me

provou o vestido, contei à Jacinta a festa que se aproximava e como eu ia a deitar flores a Jesus. A pequenita pediu-me então para eu pedir a minha irmã para a deixar ir também. Fomos as duas fazer o pedido. Minha irmã disse-nos que sim, provou-lhe também um vestido e nos ensinou a deitar flores a Jesus. A Jacinta perguntou:

— E nós vemo-lo?

— Sim, respondeu minha irmã, leva-O o Senhor Prior.

A Jacinta saltava de contente e perguntava continuamente se ainda faltava muito para a festa. Chegou por fim o desejado dia e a pequenita estava doida de contente. Lá nos colocaram as duas ao lado do altar; e na procissão, ao lado do pódio, cada uma com o seu acafate de flores. Nos sítios marcados por minha irmã, atirava a Jesus as minhas flores, mas por mais sinais que fiz à Jacinta, não conseguí que espalhasse nem uma. Olhava continuamente para o Senhor Prior e nada mais.

Quando terminou a função, minha irmã trouxe-nos para fora da igreja e perguntou à Jacinta:

— Porque não deitaste as flores a Jesus?

— Porque não O vi.

Depois perguntou-me:

— Então tu viste o Menino Jesus?

— Não; mas tu não sabes que o Menino Jesus da Hóstia que não se vê, está escondido? É O que nós recebemos na Comunhão...

— Vou pedir a minha mãe que me deixe ir também a comungar.

— O Senhor Prior não ta dá sem teres dez anos.

— Mas tu ainda os não tens e já comungaste.

— Porque sabia a doutrina toda e tu não a sabes.

Pediram-me então para os ensinar e constituí-me catequista dos meus dois companheiros, que aprendiam com um entusiasmo único.

(DAS «MEMÓRIAS» DA IRMÃ LÚCIA)

Graças da Serva de Deus

D. Amélia Martins da Costa, Praia da Vitória, Terceira, Açores, recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto para obter uma colocação para seu filho e foi atendida. Envia 100\$00 para a beatificação.

D. Maria de Lurdes Ferreira de Moura, Fânzeres, encontrando-se a sua mãe doente do coração, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, por intermédio da Serva de Deus Jacinta Marto, e a doente não tardou a melhorar, tendo passado já um ano sem que o mal voltasse a aparecer. Em agradecimento, oferece 20\$ para a beatificação da Serva de Deus.

D. Maria das Candeias Martins Morgado, Colégio das Doroteias, Lisboa, escreve: «Encontrando-me com uma doença pulmonar, fiz uma novena à Jacinta a pedir-lhe que me alcançasse a graça da minha cura que tanto desejava. Prometi tornar público o meu reconhecimento, caso fosse atendida.

Ao chegar o tempo que tinha indicado, fui ao médico, Sr. Prof. Dr. Lopo de Carvalho, que me encontrou curada, passando-me o certificado de cura. Há dez meses que estou curada, fazendo agora a minha vida normal...» Enviou 40\$00 para a beatificação da Serva de Deus.

SENHORA DOS PASTORINHOS

Tem particular predilecção pelos pastores, a Virgem Santa Maria. Na série das suas aparições, para sempre ficarão célebres as da Fátima, nas quais, por intermédio da Lúcia, da Jacinta e do Francisco, lançou ao mundo materialista e pagão a celestial Mensagem de oração e penitência.

Aquela predilecção parece traduzir o amor que Nossa Senhora tem às almas singelas que, passando a vida a vigiar os seus rebanhos, contemplam sem preocupações o sol e as estrelas, e sobrenaturalizam da luz da graça a candura natural do seu espírito.

A história dos Videntes da Fátima torna claro, mesmo para aqueles que teimam em ignorá-lo, o caminho da perfeição que Nosso Senhor ensinou aos homens de todos os tempos. Quando os Apóstolos, ainda apegados a velhos sonhos de grandeza, que faziam consistir a suprema glória no domínio temporal, perguntavam entre si qual deles seria o maior no império do Messias, e se aprestavam para ocupar os lugares de relevo, criados em sua fantasia, por cobiça e ambição, o Senhor cortou-lhes os vãos da imaginação extravagante, e obrigou-os a entrar nos quadros da realidade, tomando em seus braços uma criança e dizendo-lhes que, se não se fizessem como ela, não podiam entrar no reino dos céus.

Têm o mesmo sentido as palavras doutro passo, igualmente dirigidas aos Apóstolos, também a propósito de crianças, que procuravam aproximar-se de Jesus, atraídas por sua inefável bondade: De tais como estes é que é o reino dos céus.

Não oferece dúvidas a explicação dos Padres da Igreja: é às crianças e àqueles que possuem o espírito de crianças, que Deus concede a salvação.

Crianças dos tempos evangélicos e crianças das aparições da Fátima, são as mesmas nos caminhos da infância espiritual que temos de percorrer, para realizarmos a nossa vocação de peregrinos da eternidade.

É sua nota dominante a simplicidade. Fora e longe de complicações artificiosas, aceitam a verdade que se lhes apresenta, sem se perderem em meandros obscuros, onde se gera a confusão, e donde se cai em dúvidas dolorosas e em negações fatais. Tão natural lhes parte a verdade, que nada compreendem do que represente ateatado contra ela. Como poderiam as crianças do Evangelho duvidar da bondade daquele Senhor que tanto as amava, e para o qual se sentiam irresistivelmente atraídas? E como poderiam os Videntes da Fátima negar a beleza da Senhora, mais brilhante que o sol, que maternalmente lhes lalava, e pôr em dúvida a veracidade das suas celestiais revelações?

Por Ela, bem o sabiam e sentiam, era Deus que lhes falava.

As grandes certezas sobre a bondade das pessoas levam naturalmente ao amor, principalmente quando tal bondade se traduz em factos, de que exuberantemente beneficia o coração. Por isso se amam tanto as mães, e os Santos em na paixão puríssima de Deus, cuja magnificência e munificência verificam a todos os momentos. E retorna-se ao amor das criancinhas ao Senhor, ao amor dos Videntes da Fátima à Senhora. Em todos os que profundamente amam, são sempre iguais os motivos do amor.

O amor, baseado em razões sobrenaturais, suporta todos os perigos e suporta todas as dores, porque só uma coisa é fundamental — não ofender Aquele que se ama. Recuem-se séculos, e surge a legião dos mártires que, por amor de Cristo, avançavam para a morte como triunfadores. Na realidade, pelo sacrifício da vida, dominavam as cruzes dos tiranos e a ferocidade dos suplícios.

Em todos os tempos repete-se o facto maravilhoso. Sofrendo corajosamente, no silêncio de seus dramas ou no espectáculo escandaloso de cruzes inenarráveis, são incontáveis as almas justas que para Deus sobem intrêpidamente, como os anjos da escada mística de Jacob.

Quem não conhece as austeridades dos Videntes, que no amor encontravam o segredo de imolar-se, para que Nosso Senhor fosse desagravado de ofensas sem nome, e para que se enchessem de luz pobres almas, vagabundas nas sombras tenebrosas do erro e do pecado?

Caminho dos pastorinhos que todos nós devemos ser, por simplicidade, amor e coragem, é o caminho da infância espiritual que começa nas dores da terra e se termina nos esplendores da glória.

† MANUEL, Arcebispo de Évora

MUSEU-BIBLIOTECA

Continua em marcha a ideia. O Museu-Biblioteca será, por isso, um facto. Está em andamento o trabalho de catalogação das espécies existentes. Alguns seminaristas da Diocese de Leiria deram, com a maior generosidade, o seu tempo e as suas férias. Foi um esforço meritório e hercúleo. Bem hajam. Depois, por que eles tiveram que retirar, ao aproximar-se a data da entrada no Seminário, recorreu-se à colaboração das beneméritas Religiosas com casa à sombra do Santuário. Corresponderam prontamente ao convite que lhes fez o Senhor Bispo de Leiria e assim foi possível continuar a catalogação feita até ali pelos seminaristas.

Foi muito grato verificar o interesse carinhoso com que as referidas Religiosas compareceram pontualmente, generosissimamente no Santuário. Foram elas — fique para o porvir esta citação de bons serviços — duas Irmãs de Nossa Senhora das Dores da Fátima, uma Madre das Religiosas Doroteias e outra das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Trabalharam bem; mereceram melhor. Bem hajam igualmente!

Com tanta boa vontade iremos longe, que muitos mais querem competir em generosidade. Agora têm a palavra os amigos do Santuário; deem-nos muito que fazer. Sem eles, sem os amigos do Santuário, pouco se poderá efectivar.

Já perguntou a si próprio se tem qualquer coisa que possa interessar e oferecer ao Museu-Biblioteca?

Se ainda o não fez, faça essa pergunta sem demora. Escreva ao cronista que subscreve esta secção. Nossa Senhora espera por si. Ainda não deu conta disso?

Pois não tarde. Nesta secção daremos notícia da sua generosidade, do seu acôrdo entusiástico em prol da efectivação do Museu-Biblioteca do Santuário.

Leia o bom exemplo que lhe dão mais estes casos:

O Rev. P.º José Carlos Alves Vieira escreveu, oferecendo três volumezinhos: dois da sua autoria (Leituras para o mês de Maria, Porto, 1950; Aos pés de Nossa Senhora. Leituras para o mês de maio e outubro, Braga, 1952) e um em italiano.

Do Externato Infante Santo, da Figueira da Foz, recebeu-se a oferta de vários exemplares de estampas que, na sua aparente inutilidade, trouxe variedades relativas, e, por isso mesmo, apreciáveis. Basta citar um exemplar, na aparência insignificante, dos Cânticos a Nossa Senhora do Rosário da Fátima (Lisboa, 1937). É um livrinho pequenino. Não tem qualquer valor comercial, mas seria impossível comprá-lo, se desejássemos a sua aquisição. Tem lugar merecido na colecção fatimista da Biblioteca.

Tem lá lugar. Tem. E por que não há de ficar ao lado daquele livro velhinho, meio desfeito, quase esfarrapado, que andou entre os teus dedos, e aquelas medalhas postas de lado, há já anos, as primeiras que viste com a representação de Nossa Senhora da Fátima? Já pensaste nisso?

Espera a tua resposta, o